

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS**

VITÓRIA LIMA GOMES DA COSTA

EM QUADROS: CORPO, CASA E TEATRO

**GOIÂNIA
2022**

VITÓRIA LIMA GOMES DA COSTA

EM QUADROS: CORPO, CASA E TEATRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Ângela De Ambrosis Pinheiro Machado.

GOIÂNIA

2022

SÚMARIO

AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	5
SALA DE EXPOSIÇÃO 1:CORPO,GORDA	7
Quadro 2: A doença	8
Quadro 3: Magreza e Gordeza	9
SALA DE EXPOSIÇÃO 2: O PADRÃO DE BELEZA E A HETERONORMATIVIDADE NO SÉCULO XXI	9
Quadro 4: Heteronormatividade	9
Quadro 5: A referência de magreza ou gordeza é cultural	15
SALA DE EXPOSIÇÃO 3: CASA E TEATRO	16
Quadro 6: A pandemia	16
Quadro 7: A casa	16
Quadro 8: Ensino remoto	17
Quadro 9: Chakras	19
Quadro 10: Cartas para o amanhã	21
Quadro 11: Enquadros	22
REFERÊNCIAS	28

AGRADECIMENTOS

Agradeço à todos os meus professores da graduação que, a cada semestre, me ensinaram não somente teatro, mas também novas formas de enxergar o mundo, principalmente durante os momentos pandêmicos, em que tivemos que reaprender toda a forma de ensinar e de nos comportar. Obrigada pelo tempo e dedicação. Nunca me esquecerei desses quatro anos e meio.

À minha orientadora Maria Ângela, por me mostrar novas formas de acolhimento e me ajudar a ressignificar minha visão sobre como o corpo gordo pode ser potente na criação teatral. Você é uma grande inspiração para mim.

Ao meu professor Luciano Di Freitas, pela maravilhosa caminhada que trilhamos durante essa disciplina de interpretação III. Para você me faltam palavras, somente gratidão por tudo, sempre.

Aos meus pais Cleucydia e Aldemar, que sempre me levaram às aulas de teatro no corsa cinza durante a infância. Mãe, obrigada por sempre me apoiar a ser a artista da família. Agradeço a todos que estão em Belém por me ouvirem falar sobre performance em todos os natais.

Meu amor João: “*Me tienes en un viaje*”. E é isso. Obrigada por três anos vendo peças teatrais, me ouvindo falar constantemente sobre a desvalorização do teatro goiano, pagando para me assistir. Isso é literalmente uma declaração de amor.

Agradeço a você leitor e espero que isso sirva para que as gerações futuras vejam que, por mais difícil que seja a caminhada ela sempre vale a pena.

Sobretudo, “*Gracias a la vida que me ha dado tanto*”.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa consiste em analisar um relato de experiência sobre a disciplina de Interpretação III¹, ministrada no primeiro semestre do ano de 2021, mas relativa ao período acadêmico de 2020/2. A disciplina é uma das ofertadas pela Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC), foi ministrada pelo professor Luciano Di Freitas e consiste na aproximação entre ator, performer e dançarino, com estudos de estados de presença, cerimonial e ritualístico, imagem e estética corporal.

Destaco a bibliografia básica desta disciplina, o livro *O ator do invisível*, de Yoshi Oida (2007), que relata seu trabalho com ritmo, forma corporal, dança, desnudamento do ator e o seu autoconhecimento. Essa aproximação com a dança e com o autoconhecimento foi o que me levou a escolher esse componente curricular como objeto de estudo. Na minha experiência a relação com o ritmo, a dança e a música fez com que eu, verdadeiramente, me desnudasse em frente às câmeras, dos espelhos e dos reflexos sociais que me despertavam e alertavam medos, inseguranças e vergonha que outrora me paralisaram. Foram os exercícios de exaustão que me faziam chegar ao limite, que fizeram emergir nesta reflexão e, antes dela, a performance “ENQUADROS”.

Enquadros constitui uma das cenas da performance chamada *Cartas para o amanhã*, com a direção de Luciano Di Freitas², que concluiu o processo da disciplina de Interpretação teatral III; e, surgiu a partir de uma reflexão pessoal em que percebi quem eu era e como o mundo estava sempre me enquadrando. Esta apresentação pode ser vista pelo link:

<https://www.youtube.com/watch?v=2LKVqNaewC8>

Dividido em quatro cartas “Terra, Ar, Fogo e Água”, o espetáculo conta com as cenas-performances dos artistas Dhssika Barbosa, Letícia Lyns, Luiz Monteiro, Ottair, Patrícia

¹ Ementa da disciplina de Interpretação III: Aproximações entre ator, performer e dançarino. Estudo dos estados de presença e suas relações com as noções de cerimonial e ritual. A interpretação no contexto do teatro físico, teatro coreográfico e dramaturgias da imagem. Ritmo, tempo, forma e estética corporal. O ator e o autoconhecimento: revelação e desnudamento. Projeto Pedagógico de Curso de Licenciatura em Teatro.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2LKVqNaewC8>. Apresentação “Cartas para o amanhã”, direção de Luciano Di Freitas, resultado da disciplina de Interpretação Teatral III, do Curso de Teatro da UFG. Em tempos de tanta desesperança, pensar no futuro é um ato de resistência. É acreditar que o amanhã virá e nós sobreviveremos para vê-lo. Mais do que isso, é pensar que nós somos os responsáveis pela construção desse futuro. O espetáculo “Cartas para o amanhã” promove uma série de reflexões cênicas sobre o que estamos vivendo hoje, nesse contexto pandêmico, e sobre nossos desejos de um amanhã melhor.

Ficha Técnica - Direção e roteiro: Luciano Di Freitas; Intérpretes criadores: Dhssika Barbosa, Letícia Lyns, Luiz Monteiro, Ottair, Patrícia Veruska, Victor Guimarães e Vitória Costa; Oficinas de preparação: Thaísa Santoth e Milton Aires; Montagem: Luciano Di Freitas; Fragmentos de texto: Luciano Di Freitas, Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Ryane Leão e Gaston Bachelard; Consultoria de edição: Patrick Mandes; Apoio: Jambo e Jambú Produções; Realização: Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, Turma de Interpretação III, 2020/2.

Veruska, Victor Guimarães e Vitória Costa, com direção e roteiro de Luciano Di Freitas. A produção é parte das atividades da disciplina de Interpretação III, do curso de Licenciatura em Teatro da UFG. Com aulas realizadas de maneira remota, o grupo desenvolveu uma pesquisa de corpo e criação, pensando técnicas de teatro físico e teatro dança, além de elementos da arte da performance.

A disciplina que iria acontecer presencialmente tornou-se on-line, eu estava em casa assim como todos meus colegas e o professor, e foi em casa que fui me redescobrir entre máscaras, cartas, tecnologias e um espelho: as roupas que não me serviam mais, o aumento de peso, o não querer aparecer diante de uma câmera, a nova realidade. Enquadrada para ver o mundo enquadrado, este relato trata deste processo: mostrar os enquadramentos.

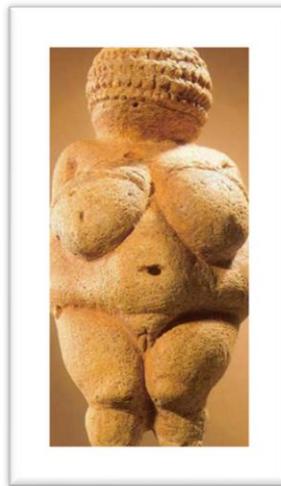
No entanto, este processo de (re)conhecimento começou antes. No início do curso, eu pesava exatamente 95 quilos e não era sedentária, durante uma aula da disciplina de Improvisação e Jogos Teatrais desenvolvemos um jogo que consistia em que todos da turma fossem carregados por todo grupo. Eram cerca de 20 pessoas, dentre elas, três se consideravam gordas, incluindo eu. Me lembro claramente da sensação de frio na barriga e o temor antecipado que sentia ao saber que logo seria eu a ser erguida: E se eu caísse? E se eu fosse pesada demais para 20 pessoas? Meu pensamento estava muito voltado para uma autopercepção imposta pela cultura heteronormativa que provoca a gordofobia. De fato, somos mais pesadas, mas não é impossível nos carregar. Naquela época eu não sabia, mas hoje eu sei que padrões de beleza são definidos pela cultura e, principalmente, pela heteronormatividade que define aonde você deve se encaixar, em que gênero e até mesmo o tamanho da sua circunferência abdominal. Aliás, quer algo menos feminino que ausência de cintura ou do dito cujo corpo de violão? Aquela aula foi um grande aprendizado coletivo, foi ali que percebi que meu corpo era meu maior e mais precioso meio de trabalho, tudo que ocorresse com ele afetaria diretamente minha forma de atuar, enquanto aos meus colegas, eles puderam entender que um corpo gordo também pode ser carregado.

Em tempo: deveria eu emagrecer por não me encaixar no padrão ou deveria me aceitar? Decidi que aquele corpo era o que eu tinha e que, apesar de todas as inseguranças e limitações, ele viria a produzir obras e mais obras artísticas fora do padrão e que isso era o meu diferencial, independentemente se meu corpo era quadrado ou redondo, eu poderia dançar, me movimentar, cantar, dar aulas e principalmente ser atriz. Tal como o amuleto de Willendorf, cuja origem vem de 29,000 ac descoberta na Austrália e remete a uma crença passada de mãe para filha, acreditava-se que a mulher gorda era um sinal de fertilidade e espiritualidade na era pré-histórica, acredito que ser uma atriz e gorda também pode trazer a potência da fertilidade

cultural nos dias atuais.

Este trabalho é dividido em quadros com um jogo de palavras para a performance “enquadros”, que nasceu dentro desse processo pessoal de (re)conhecimento. Os referenciais são trazidos de acordo com as tématas, baseados nos pensamentos de George Vigarello que fala sobre o corpo gordo, assim como Maria Jimenez ativista sobre gordofobia e, principalmente, com meu relato de como foi meu percurso e vivência dentro da universidade tendo um corpo gordo.

Figura 1 - Amuleto Vênus de Willendorf reprodução internet



SALA DE EXPOSIÇÃO 1: O CORPO, GORDA

Quadro 1: O corpo

O corpo para o senso comum nada mais é que um conjunto de ossos e músculos que permitem a circulação e a realização de tarefas. Também para o senso comum, o corpo gordo é um corpo defeituoso, em contrapartida Foucault defende que há uma descoberta de subjetividade entre o corpo do senso comum e o conhecimento de si que sempre batera de frente aos aspectos sócio-culturais.

Foucault foi um filósofo e professor da cathedral História dos sistemas do pensamento em seu livro o nascimento da clinica ele fala que antes o corpo era visto como alma, a partir de agora haveria uma gama de aspectos a serem observados um deles tem haver com a heteronormatividade. “Antes de de ser tomada na espesura de corpo, a doença recebe uma organização hierarquizada em famílias gêneros e especies”(1977, p. 14), neste trecho ele sugere

que haverá um conflito com a cultura, linguagem e a vida cotidiana quando se trata do descobrimento de si.

Já voltando para o corpo gordo vamos ter Maria Luisa Jimenez Graduada em Filosofia pela UNESP, Universidade Paulista Júlio de Mesquita vai dizer que a gordofobia está presente em todos os lugares as vezes com a prerrogativa de que é saúde e beleza que geram a exclusão desse corpo da sociedade.

Eu, com meu corpo gordo, sofri preconceito posso citar a vez que fui comparada como um objeto por uma figurinista enquanto fazia meu trabalho, ela tendo as minhas numerações previamente e sabendo que se tratava de um corpo gordo, disse para quem quisesse ouvir “que não podia lidar com essa coisa aqui” se referindo a mim e ao meu corpo, Como assim “coisa”? Ali eu, meu corpo e o que sou vivenciamos a dor da exclusão perante a sociedade. Por isso, nesta pesquisa trataremos da obesidade, seus reflexos sociais, sua presença em mim e, por consequência, como eles reverberam na minha arte.

Quadro 2 : A doença

No CID 10 (Classificação Internacional de Doenças)³, a obesidade está caracterizada como uma doença crônica E66, em que o acúmulo de gordura é o principal sintoma. A “obesidade deve atingir 30% da população em 2030 no Brasil”, apontam estudos feitos pela *World Obesity Federation*, organização voltada para prevenção e tratamento da obesidade (Folha de São Paulo, 8 de maio de 2022, Samuel Fernandes).

A obesidade é considerada uma doença pela OMS (Organização Mundial de Saúde), sendo definida a partir do IMC (Índice de Massa Corporal), que já indica um sobrepeso quando o peso dividido pela sua estatura ao quadrado resulta em um número acima de 30. O aumento constante da obesidade no país gera um grande impacto para a sociedade brasileira, uma vez que esses os corpos obesos demandam iniciativas voltadas à saúde, como o tratamento para doenças decorrentes da obesidade, questões como acessibilidade e a perda de capacidade produtiva. A pesquisa também alerta para os casos de obesidade infantil, já que, por se tratar de uma doença crônica, possivelmente, essas crianças serão adultos obesos isso segundo a Confederação Mundial de Obesidade.

³ E66, é o código da doença no CID10, os dados apresentados em relação à obesidade são recentes de 2022 e foram publicados na federação mundial de controle a obesidade *World Obesity Federation*.

Quadro 3: Magreza e “Gordeza”

Como o sol e a lua, e o dia e noite se encontram, também há um encontro entre a magreza e a “gordeza”. Ao longo do tempo, os padrões de beleza foram se modificando, o gordo e o magro se tornaram opostos. Por vezes, em locais com pouca comida, o gordo era objeto de adoração, por outro lado, em locais com grande abundância e desenvolvidos a ponto de se ter comida em abundância ser magro se tornou o padrão. Georges Vigarello (2012, p. 370), em seu livro “As metamorfoses do gordo”, fala um pouco sobre a dinâmica dos dias atuais:

Dois problemas que envolvem a sociedade, de há muito confundidos, podem assim se desvincular hoje: a crescente exigência da magreza e a crescente denúncia do gordo. A exigência de magreza continua sendo uma norma da aparência, mas a denúncia do gordo vira um indicador de ameaça sanitária.

Observamos com esse trecho que a dicotomia entre o magro e o gordo é clara, embora a medicina até traga dados em relação a anorexia e bulimia (que também são casos graves), há nos casos das pessoas gordas um tratamento alarmante, por vezes, entedido como calamidade pública. Assim, ser gorda ou magra vem imbuido do padrão de beleza vivenciado na nossa cultura atualmente e não só por parâmetros médicos, entetanto apesar de ambos andarem e conviverem nos mesmos espaços não comungam das mesmas condições.

SALA DE EXPOSIÇÃO 2: A HETERONORMATIVIDADE E O PADRÃO DE BELEZA NO SÉCULO XXI

Quadro 4: Heteronormatividade

A heteronormatividade é um conceito oriundo dos estudos de gênero da comunidade LGBTQIA+ que trata de explicar para a sociedade heteronormativa que não é bem assim que a vida deve ser “encaixotada”. Explica-se que o termo vem de uma norma social, em que apenas os relacionamentos heterossexuais são aceitos, entretanto somente esse conceito é vago tendo em vista que não só a sexualidade e sim os comportamentos heteronormativos serão aceitos e legitimados como, por exemplo, mulher usar rosa, homem usar azul, mulher chorar e homem não, dentre outros.

Este conceito heterocêntrico pode ser explicado de uma forma simples: fomos criados para não fugir das regras e dos enquadramentos. Então, ser mulher depende das características

físicas que agregam valor à feminilidade. Isso é o que leva a nós mulheres, por exemplo, a nos depilarmos e aos homens a quererem ser corajosos e provedores. Também leva as mulheres a seguirem padrões de beleza, que são normas sociais ligadas à estética criadas de acordo com a época em que vivemos. Essas normas, na maioria das vezes, são inatingíveis, causando muito sofrimento nas pessoas que se veem obrigadas a seguir.

Rita Von Hunty⁴ explica em uma entrevista ao blog Amaro que a heteronormatividade oprime não somente as comunidades LGBTQIA+ e sim toda uma sociedade, pois a mulher que não se depila é definida como largada, assim como a que não vai a academia é preguiçosa somos enquadrados em papéis de gênero que nos limitam e, mais uma vez, as minorias são as maiores vítimas, entre elas, as mulheres. Quanto mais longe da linha normativa você estiver mais sofrível é a existência no mundo social.

A negação da norma social, por sua vez, faz com que sejamos marginalizados pela mesma sociedade que nos obriga agirmos de certa forma. Se uma mulher não se depila, ela é “largada”. Se um homem não gosta de futebol, ele é gay. Não existe meio termo para as normas sociais heteronormativas e o preconceito adjacente. Mas hoje já existe liberdade suficiente para questionarmos esses comportamentos. Disponível em: amaro estilo de vida, acesso em 2022.

A indústria cultural também é uma grande aliada da heteronormatividade. Theodor Adorno foi um filósofo e sociólogo alemão, judeu e integrante do movimento Escola de Frankfurt que, em conjunto com Horkheimer, formulou o conceito de Indústria cultural no livro *Dialética do esclarecimento*. Os dois tiveram que se refugiar dos regimes totalitários da época que se consolidavam naquele período.

Em seus estudos entenderam que a cultura tinha o papel enorme de legitimar interesses. Segundo Adorno, a indústria cultural promove o consumo alienado de bens culturais. Isto implica em compreender seus consumidores como mentes acríticas. Aqui no Brasil, dois exemplos de indústria cultural que temos são a televisão e as fake news que assolam nossos dispositivos móveis.

Entre outras consequências da heteronormatividade, é possível identificar a objetificação da mulher. Fazendo uma ligação de como a indústria cultural reforça a objetificação da mulher, podemos citar o exemplo das propagandas de cerveja. Normalmente, elas reforçam as imagens de mulheres padrões na heteronormatividade, mostrando seus corpos. Por que a mulher é sempre a mais afetada quando se fala de padrão de beleza?

⁴ Guilherme Terrieri mais conhecido pelo seu nome artístico Rita Von Hunty é ator, professor e youtuber. Seu canal chama-se Tempero Drag e por lá ele trás grandes temas e grandes livros com intuito de popularizar o conhecimento.

Simplesmente porque a mulher é o objeto. O capitalismo tem a propaganda como forma de incentivar o consumo. A mulher como objeto de desejo, advindo dos padrões machistas e heteronormativos. Associam a mulher à propaganda de cerveja.

Figura 2 – Material de marketing das cervejas Itaipava e Devassa



Aqui temos a imagem de uma mulher oferecendo tamanhos diferentes de cervejas, entretanto a escolha do local onde colocam a sigla de 600ml (entre seus seios) de forma sutil traz a dicotomia dos

significados: escolha seu tamanho, tamanho do quê? Dos peitos quiça siliconados da mulher? Das pernas torneadas? Qual seria realmente esse tamanho sugerido pela marca?



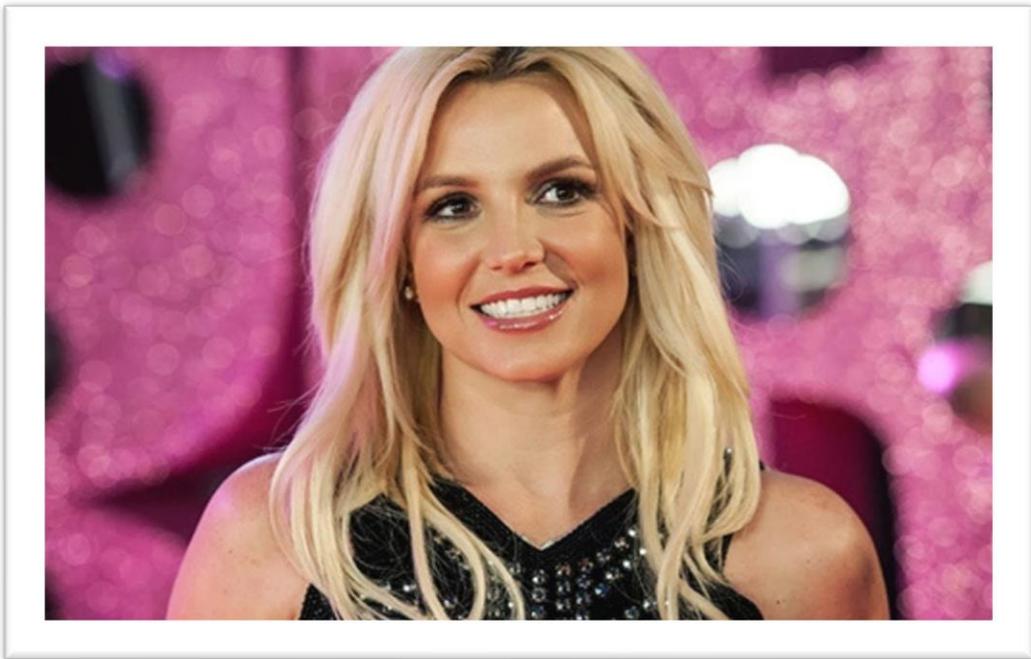
Já nesta segunda imagem, o questionamento gerado é outro: a primeira vez sugerida seria com a mulher representada na foto ou com o produto divulgado? Apesar de outras marcas de cervejas apostarem em diversidade como campanha de seus produtos, essa ainda é uma estratégia da máquina capitalista que visa monetizar em cima de minorias. Em síntese, são tantos afazeres na vida de um trabalhador que isso passa despercebido, ácrítico como reforça Adorno em a indústria cultural.

Britney Spears, famosa cantora internacional considerada por muitos como uma diva pop, teve sua carreira iniciada no famoso conglomerado de entretenimento da Wall Disney, e desde a infância foi vítima do próprio meio em que servia. Em 2007, antes mesmo do advento das grandes mídias sociais como Instagram ou Twitter, apresentou problemas psicológicos devido ao grande excesso de exposição e como consequência acabou raspando seu cabelo fugindo assim de um padrão heteronormativo muito mais intenso naquele tempo. Para a mídia da época, a Britney havia enloquecido, mas era apenas um protesto pessoal contra indústria, a mídia e a grande massa que opinavam constantemente em como uma jovem linda e padrão devia se comportar. Como resultado de sua “loucura” a cantora, apesar de legalmente adulta, teve sua tutela delegada ao seu pai que ficou responsável pelo seu dinheiro, carreira e até dos possíveis namorados durante um período que durou treze anos, vale aqui salientar que o pai é

uma figura masculina que já carrega uma hierarquia totalmente vertical para a visão do que a sociedade encara como “certo”. Foi com o movimento “Free Britney” ganhando espaço na mídia e com um documentário dirigido por Samantha Stark em 2021, o “Framing Britney, a vida de uma estrela” (disponível na globoplay e na Hulu) que a cantora teve sua liberdade e autonomia recuperada, apenas com 40 anos de idade, após treze longos anos vivendo como um objeto da Indústria cultural.



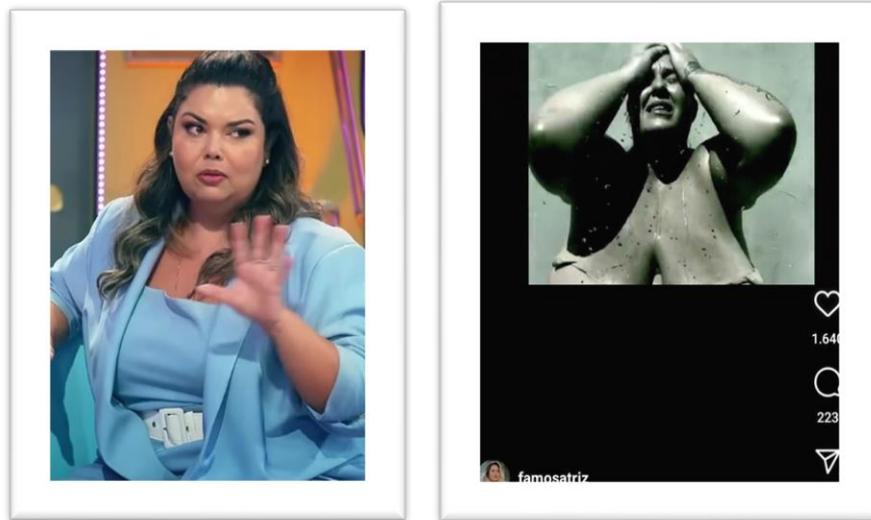
Na foto diz: “o meu deus meu cabelo apenas se foi” e a revista anexou fotos chocantes da superstar a beira de um colapso, além de fazer piada na capa dizendo que Britney usou uma tesoura de jardim. Somente em 2021, ano em que a “reparação” foi feita que se pode entender como uma mulher, super premiada por suas músicas, sofria pelo abuso causado pela mídia, pelo seu pai e também pelas questões psicológicas, como qualquer outro ser humano, tendo vivido uma vida inteira produzindo músicas para uma indústria que a sustentava ao mesmo tempo que adoecia.



Britney, apesar de ser considerada uma “mulher padrão”, não foi boa o suficiente para uma indústria que objetifica mulheres, se ela não foi e quanto as inúmeras atrizes gordas muitas invisibilizadas ou colocadas somente em locais que a mídia acha que lhe cabem? Veja o exemplo da atriz global Fabiana Carla, por anos e anos atua em papéis de comédia, tendo apenas um único papel diferente desse nicho e foi na novela Amor à vida no ano de 2013, há exatos nove anos, e ao seu corpo gordo foi dado uma personagem que lhe cabia: enfermeira, no entanto, virgem. Mulheres gordas não perdem a virgindade? Perdem e também fazem drama, comédia e são livres para fazerem o que quiserem, mas à elas sempre resta esse lugar de mulher gorda engraçada ou não desejada. Estigmatizar que a gorda é engraçada por natureza, como a heteronormatividade faz, não tem sentido e isso ainda piora quanto mais longe se está da caixa de ideologia de gênero, incluindo a parte racial onde uma preta gorda sofre com mais preconceito.

Na área teatral existem várias mulheres potentes vivendo dentro desse meio e servindo

como resistência, a atriz Letícia Silva Rodrigues tem duas páginas no Instagram uma se chama “famosa atriz” e a outra “fracassada atriz” onde faz memes com críticas sobre a área do teatro, em suas redes tem performances marcantes aonde ela critica o lugar da mulher gorda dentro da profissão e em uma de suas performances “é por ser uma baleia que nado tão bem”, ela está tomando banho mostrando seu corpo e mostrando como que ela se sente permanente suja, ela diz que quando era criança achava que a beleza fosse algo fácil de se ter, mas que a indústria têxtil não investem em zíper maiores, “é por ser uma baleia que nado bem” é uma crítica viva sobre o quão é difícil ter uma “mancha” que não se limpa.



Fabiana Karla e Letícia Silva Rodrigues: reprodução internet

Quadro 5: A referência de magreza ou gordeza é cultural

Dependendo da região onde se vive, o padrão de beleza pode ser totalmente diferente do que nós conhecemos. Um exemplo disso é o documentário *El Arte de engordar*, dirigido por Natália Kodyvar (2018). Essa obra trata sobre as tradições da Mauritânia, falando sobre a escassez de comida em que as meninas desde pequenas são levadas para “fazendas” com o objetivo de fazer uma dieta para engordarem, pois naquela região existe um ditado popular que diz que “quanto maior é o corpo da mulher, mais espaço ela terá no coração do homem”.

Qualquer padrão estabelecido por qualquer sociedade sempre vai afetar mais as mulheres. A norma muda, mas a mulher segue sendo a maior vítima dos padrões de beleza determinados pelo patriarcado. Lana Lima, jornalista do site politize, no artigo *A objetificação da mulher*, mostra que a objetificação se dá quando só se repara as aparências, eximindo toda a complexidade que um ser humano tem. Isso tem tornado muito difícil que as mulheres sejam

respeitadas pelo que são e não pelo que aparentam ser (<https://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher>).

SALA DE EXPOSIÇÃO 3: CASA E TEATRO

Quadro 6: A pandemia

Em dezembro de 2019, fomos assolados pela notícia que, em Wuhan, na China, havia uma endemia causada por um vírus batizado com o nome de Coronavírus⁵ (COVID-19). A princípio, não se achava que muita coisa mudaria aqui no Brasil. Até que, em março de 2020, o vírus se espalhou e a preocupação também; aquilo que antes era apenas lá na China, agora estava em todos os lugares. No dia 13 de março de 2020, por meio do Decreto nº 736 foi declarado estado de emergência e que todas as atividades deveriam ser suspensas, de modo que só serviços considerados essenciais deveriam atender a população. Ficar em casa era uma necessidade vital e a universidade pararia por quinze dias, que viraram trinta e se converteram em dois longos anos, transformando a vida de todos.

A crise sanitária levou dois anos para conseguir ser estabilizada. Em tempo recorde, criou-se uma vacina. Mas, naqueles momentos sombrios de 2020, eu tinha um único pensamento: “Como todos nós estávamos?”. Eu não via mais meus amigos. Salas com linóleo, liberdade para se movimentar, exercícios e práticas teatrais, de repente, não aconteciam mais e, em pouco tempo, estávamos como pássaros presos em nossas gaiolas que chamávamos de casa. As ruas da cidade tornaram-se vazias.

Quadro 7: A casa

O tempo parado foi de seis meses, tempo para eu abrir meus olhos para dentro, já que nem para a área de lazer do meu prédio era possível descer. Parodiando a música *A Casa*, de Vinicius de Moraes e Toquinho, “Era uma casa muito sem graça, tinha teto, tinha louça parada, ninguém podia dormir na sala porque a televisão só nos assustava, ninguém podia olhar para fora, porque lá fora não tinha nada, mas era feita com muito esmero na rua dos medrosos, número 3201. Fora isso, tinha quatro espelhos, dois banheiros e dois quartos”.

⁵ Coronavírus é uma doença infecciosa causada pela família de vírus como SRS-CoV o que gerou a pandemia foi o COVID é o SARS-CoV2.

E minha mãe que convivia comigo naquele contexto de casa, apesar do meu interior me apavorar e a convivência não ser cem por cento pacífica, ainda havia ali um lugar de privilégio pois muitas pessoas estavam em casas e em condições piores que as minhas.

Perdi as contas de quantas vezes eu fiquei olhando para o meu espelho. Eu olhava, mas não me via, não me reconhecia. Foram longos meses, longas terapias online, até que, por fim, as aulas iriam reiniciar e, além de olhar para os espelhos, eu iria olhar para a câmera. Minha casa agora era o meu teatro.

Quadro 8: Ensino remoto

Então, quando realizei minha matrícula no componente curricular Interpretação III, pensei: “como vamos realizar essas atividades online, sem contato físico?”. Mas, Luciano Di Freitas, o professor, já havia pensado nisso. Anotei em meu diário de bordo relatando os processos de aula, experiências e sensações (método utilizado nas aulas para rememorar as experiências). Nessa primeira aula, escrevi:

2020/2 em 2021 sete alunos aventureiros resolveram que seria uma boa pegar a matéria de interpretação online. Sei lá, achamos que ficaríamos sentados ouvindo sobre Boal, ledão engano.

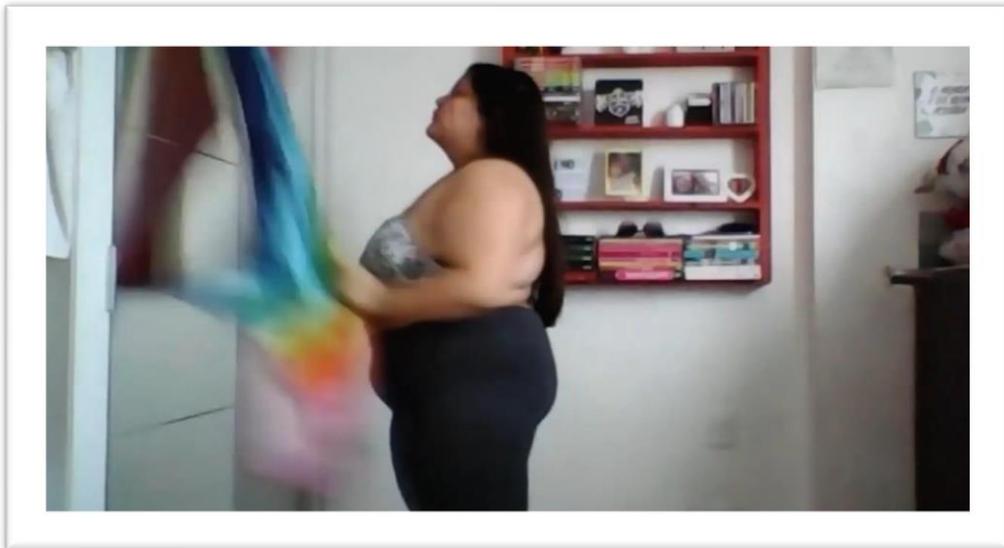
Aula com câmeras ligadas. “Oi turma peguem um pano e um balde”, titubeei cinco minutos e entendi que realmente aquilo iria acontecer. “Afastem os móveis, Vitória levanta a cama, afastem tudo, vocês vão passar os panos com os pés”. Pensei: “hum Stanilasviski nunca falou sobre isso... sempre preocupado com o que vai te fazer chorar ou onde está a chave”, volto a mim “Vitória, mexa-se”, calma professor estou cansada, hiperventilado, ai não SEDENTARISMO! (COSTA, 2021)

Estávamos em março de 2021, as aulas feitas até então em 2020, que eu havia pegado tinham sido apenas teóricas. Era uma volta no tempo, porque cursávamos o semestre de 2020. O psicológico nem se fala! Mas, retomando a aula de Interpretação III, lembrei-me da minha primeira e única aula presencial nesta disciplina em 2020, quando fizemos aquecimento como de costume, nos esticamos no chão, espreguiçamos, fomos nos desabrochando como uma semente se transformando em rosas até chegarmos à tal ‘dança dos ventos’ em que, a partir de um movimento lento, fomos acelerando até virar algo primitivo e exaustivo. Ao final da aula, o professor propôs uma atividade: “construam um percurso de como é a construção de personagem de vocês e tragam na próxima sexta”. Essa sexta nunca chegou, mas meu percurso estava ali no meu corpo, tinha saído um roteiro que eu guardei por seis longos meses.

Foi então que, na primeira aula desta disciplina, no modo remoto, no dia 12/03/2021 sobre cartas, teatro e casa, fizemos os mesmos exercícios daquela primeira e única aula

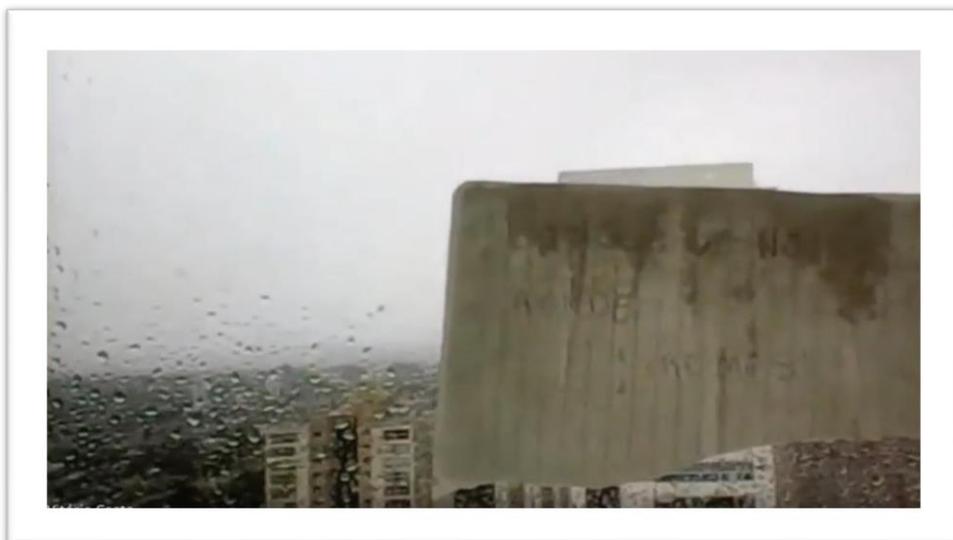
presencial em 2020, mas agora com algumas diferenças: minha cama e os meus móveis estavam fora ou de cabeça para baixo para obter mais espaço. Estava de frente a uma câmera e espelhos. Ouvia as obras no vizinho, o barulho da TV. E eu, no meu quarto-sala de aula, fazendo a dança dos ventos do grupo lumier esse exercício era como uma valsa um pé enraizado no chão seguido do outro até virar algo orgânico e rápido sendo assim não fiz o exercício do mesmo modo que em 2020, porque meu corpo havia mudado, eu tinha engordado muito e a grande exposição de câmeras me afetava de uma forma drástica. Eu me distraía muito com o espelho e a câmera. Então, o professor sugeriu que eu não olhasse para o espelho; eu coloquei uma toalha, mas ele ainda viria a aparecer.

Figura 3 - Registro da aula de Interpretação III



Cobrir o espelho foi importante para que eu pudesse entender que o que importava ali vinha de dentro e não de fora

Figura 4 - Registro da primeira aula exercício da casa. Na carta está escrito “longe de nós mesmos onde iremos?”



Essa frase é de uma música francesa que se chama Perdue era assim que eu me sentia naquele dia.

Figura 5 - Registro da primeira aula de Interpretação III



Junto aos meus colegas aquele dia estávamos conhecendo a casa um dos outros nesse momento conhecíamos a casa do nosso professor

Quadro 9: Chakras

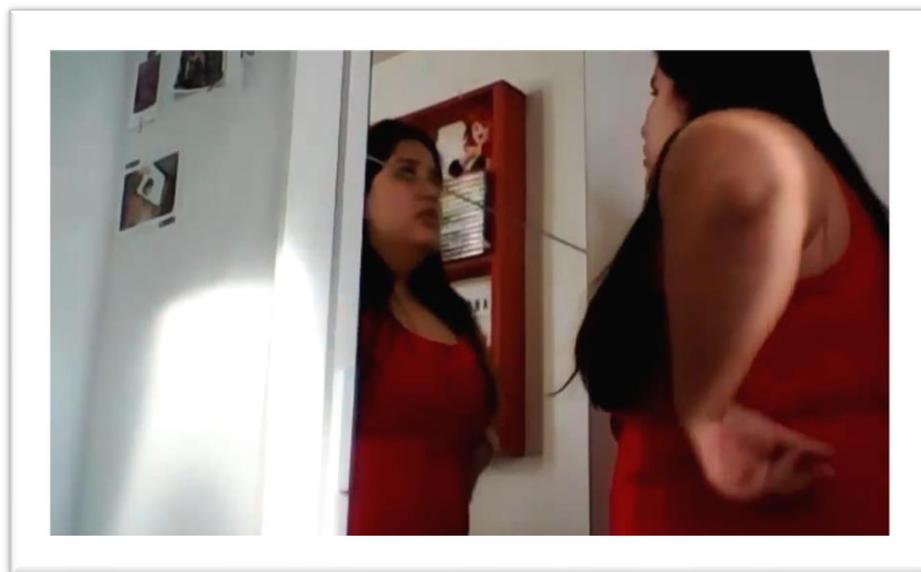
A aula do dia 23/04 foi, sem dúvidas, uma das mais divertidas do semestre. Contamos com a presença da professora Thaísa Santoth⁶, que fez a gente passar por vários estágios emocionais como raiva, sedução, insegurança, ego, felicidade e tristeza, por meio dos chakras. Conforme a professora Thaísa nos falou em aula, Chakras são pontos vitais de conexão, ou seja, eles influenciam nas emoções. Temos sete chakras: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, plexo solar, umbilical e básico e eles comandam nossas emoções. Segundo a pesquisa: A energia no trabalho do ator dos chakras à criação cênica de Rachmann esmiuça como esse trabalho potente e como a utilização da Yoga de Osho concentra muita energia, uma vez que com meditações de enraizamentos que foram feitas pela professora Thaisa fez o nível de imersão e de concentração ser elevado a potência máxima me levando, posteriormente, a refletir sobre essa aula para poder ter minha carta para o amanhã. Os jogos foram muito estimulantes, fazendo com que passeássemos por várias emoções em nosso corpo. Após essa avalanche de sentimentos, ela pediu para que nós escolhêssemos apenas dois estágios. Eu escolhi insegurança (chakra umbilical) e sedução (chackra cardíaco), então criei a história de

⁶ Professora de Yoga do Rio de Janeiro que dá aula de várias técnicas como hatha vinyasa e flow.

uma menina que passou horas insegura de frente para o espelho, trocou de roupas várias vezes mas, no final, passou seu batom vermelho e falou “hoje eu beijo alguém, ou se não, não me chamo Maria de Fátima”. Então, ela entra na festa super atraente e segura de si mesma, escondendo tudo que vivenciou momentos antes no seu quarto.

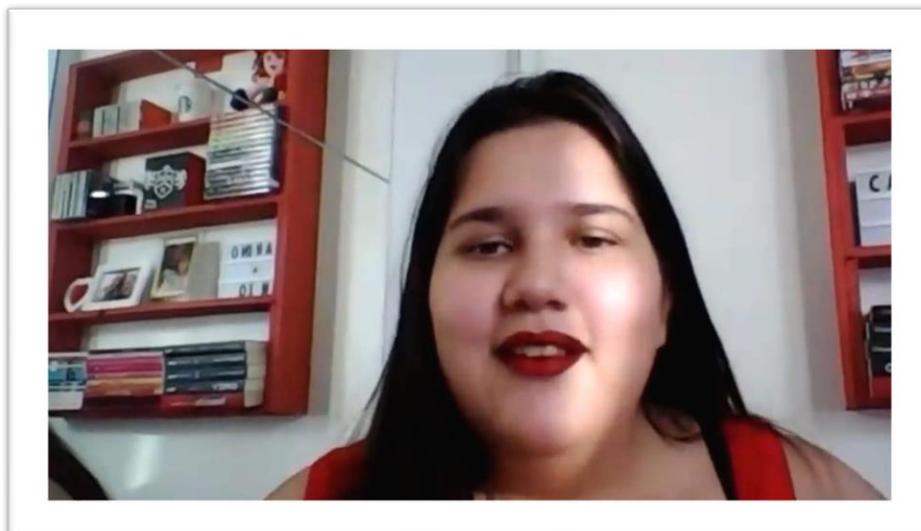
Essa aula foi fundamental para a criação da minha carta para o amanhã. Eu acabará de explorar a minha relação com espelho e câmera, pois a angulação estava filmando o meu lado e o espelho mostrando esse momento de insegurança e reflexão, o que se repetiria em minha carta.

Figura 6 - Aula do dia 24/04 - enfrentando a insegurança e o espelho



Aqui nessa foto é o momento onde a metalinguagem entra em ação as pessoas me veriam três vezes tendo uma crise de insegurança, foi difícil pra mim pois aquele momento era real já que meu chackra estava ativo.

Figura 7 - Aula do dia 24/04 - personagem na festa confiante que terá sucesso em sua noite

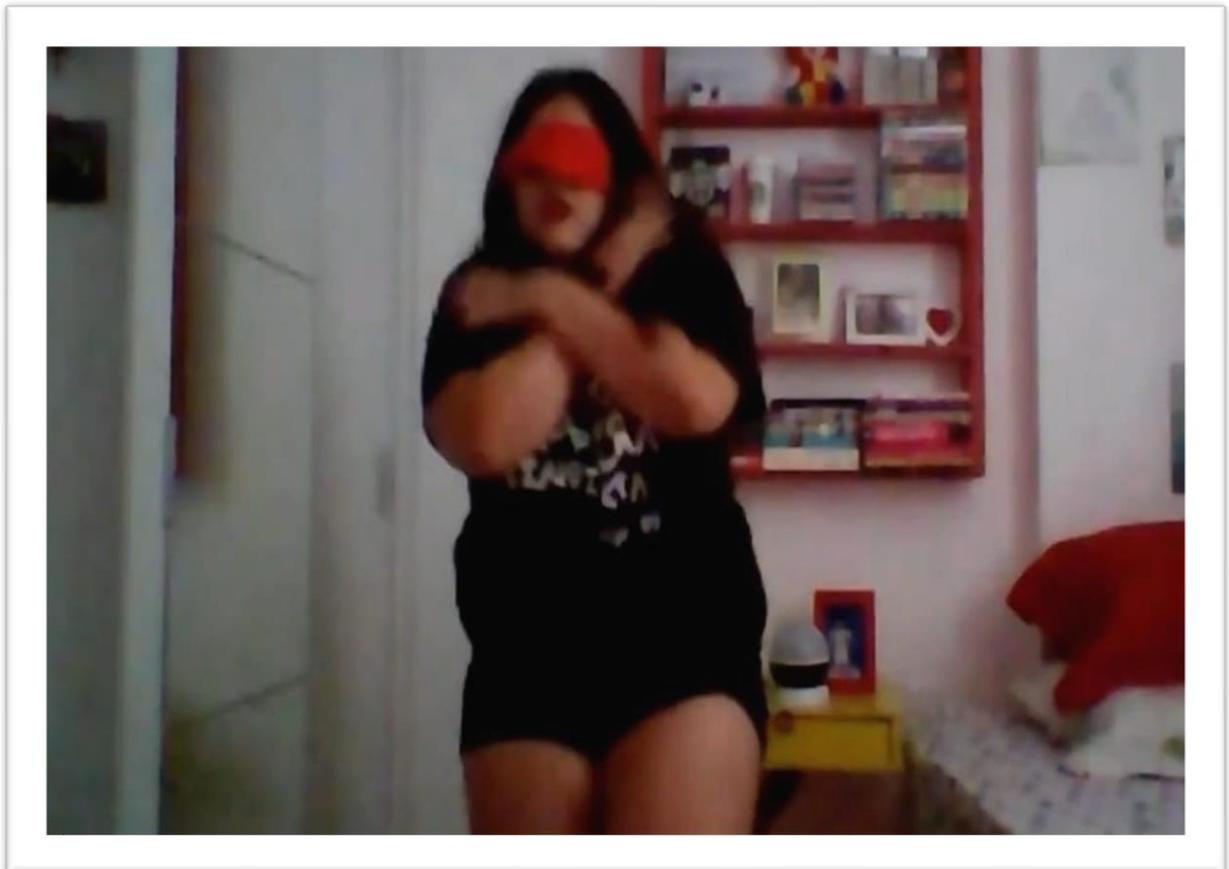


Já na festa eu falava que nada demorei a me vestir, isso olhando para os meus colegas de classe tomo um fora e saio de cena

Quadro 10: Cartas para o amanhã (coreografia)

Dentro de momentos de crise sanitária e de solidão, eu me deparava constantemente com minha vida pessoal invadindo minha vida acadêmica. Às vezes, eu achava que eu mesma ia me engolir. Entretanto, o que sempre me consolava eram as músicas. Era uma cola que me fazia juntar o mundo real ao mundo da arte, tornando aquilo orgânico. Em uma das aulas, intitulada de “cartas coreográficas”, fizemos exercícios em que a música era nosso guia. Então, criei uma carta coreografada que retratava a solidão, o acolhimento pelo corpo e a dança. Fazia um movimento ondulado de vai e vem, em que eu conseguia perceber que aquele momento era único. A venda significou o quanto eu não aguentava me expor diante de espelhos e câmeras, esse foi o primeiro esboço do que viria a ser “Enquadros”.

Figura 8 - Carta do barco: retratando o sentimento de estar à deriva.



Esse momento o professor permitiu que eu escolhesse minha música já que naquele dia eu não quis fazer os rituais e eu escolhi uma música que se chama El Barco em espanhol que falava justamente de estar pendendo a sanidade e se sentindo a deriva



Essa foto é exatamente o que significa a ausência ,eu não queria mais aparecer então dei as costas ao público.

A avaliação final se aproximava e logo veio a ideia de juntar todas essas aulas em um vídeo solo, que seria editado e colocado como uma carta para o futuro. Analisando todas as aulas, pude perceber que a aceitação do meu ‘eu’ estava mais aflorada do que nunca. Aliás, a ideia de personagem me fugia, pois era a organicidade que me chamava atenção. Naquele momento, eu queria mostrar, a minha corpa gorda. O que ela seria para um futuro distante? Com toda essa potência criativa, meu corpo era pura arte dançante, me sentia livre, ainda presa pelas medidas sanitárias e da minha corpa gorda, no mundo heteronormativo. Mas, eu estava ali, compondo a minha carta para o amanhã, que viria retratar tudo que vivi nesse momento tão único e que jamais seria vivenciado ou criado se não houvesse sido nesse percurso.

Quadro 11: Enquadros

Então era hora de eu tecer a minha carta para o futuro, após cartas coladas na parede, mostrar minha casa, meu espelho, minha vida. Era hora de mostrar a potência de um corpo que vivia se enquadrando para caber na cadeira, na roupa, nas redes sociais, em um padrão. Eu resolvi mostrar o que havia por trás de fotos bonitas, de todos os encaixes sociais que me faziam parecer um pouco mais heteronormativa. Uma escova, uma progressiva, um alongamento de

cílios, unhas, tudo aquilo era falso. A verdade era que eu estava longe de mim e perdida. Aonde eu iria chegar com isso, me enquadrando?

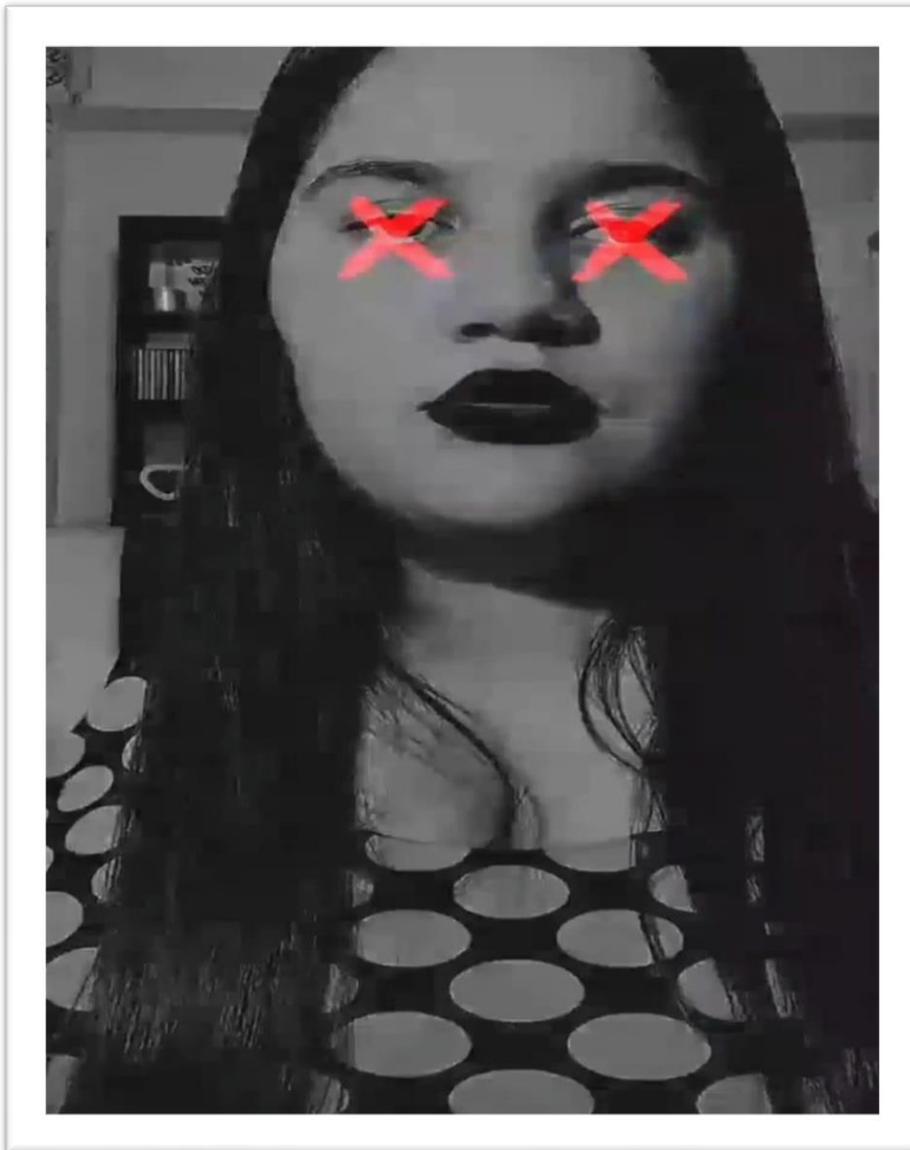
Queria deixar uma carta que refletisse que sim, vamos ter dias em que vamos nos sentir enquadrados. Mas, qual o custo de entrar em uma calça 44 quando um 48 te cairia melhor. Dói. Dói o isolamento, se perder, se encaixar. E, há um só tempo. É poético porque é verdadeiro e, assim como eu, várias mulheres passam por essa trilha de se reconhecer com uma doença, ver que essa doença não tem nada a ver com o direito de se sentir livre, bonita e artística.

A gordura, apesar de sempre associada há algo ruim, tem uma característica incrível a adaptação e ela é fofa, preenche. Então, nesse período, eu não queria esconder aquela gordura, eu queria me mostrar. Mostrar o quão difícil era se enquadrar e, naquele momento, surgiu “Enquadros”, uma carta coreográfica de cinco minutos, feita na madrugada com muitos flashes, suor, luzes e liberdade.

Quando apresentei “Enquadros”, me fizeram uma pergunta: “O que há? Por que acaba de frente para o espelho? Por que não havia um final feliz?” Minha resposta foi: “É porque a transformação e a aceitação do corpo são constantes. Um dia vamos estar okay com o que vemos diante dos espelhos, outros dias precisamos colocar um pano e olhar pro nosso interior”.

“Enquadros” é a concretização de todo esse semestre de descobrimento do corpo e do meu eu como artista. É uma performance com vida e que, sempre que volto e reassisto, vejo novas coisas vejo o constrangimento em meu rosto ao ter que me expor, a necessidade e potência desse trabalho e uma grande vontade de ainda insistir nessa performance sem final decretado, o fato é que sou uma mulher gorda e potente dentro da arte. Pode ser que meu corpo mude e eu estarei pronta para essa mudança, mas, para o amanhã, eu só gostaria de me lembrar o quanto ter sido enquadrada por anos até aquele semestre doeu. Porém, naquela dor, floresceu essa necessidade de mostrar que estou aqui presente, sem quadros e pronta para explorar toda a poeticidade dessa corpa gorda, professora, atriz, mulher.

Figura 10 - Imagem 1 da carta em quadros: X nos olhos retratando a ausência de si mesmo



Toda performance foi feita por meio de filtros do Instagram, o que resulta nessa baixa resolução entretanto o X nos olhos significa a ausência de ser de existir de estar perdido buscando se encaixar.

Figura 11 - Imagem da cena “Enquadros”: câmera filmando a dificuldade em se vestir numa calça menor do que seu número, a calça era 44, mas eu uso 48 dependendo da marca tem que ser 50.

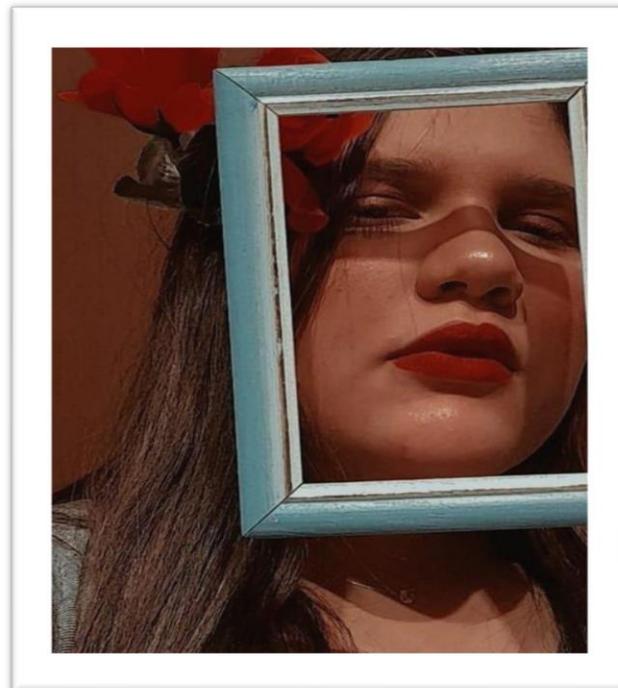
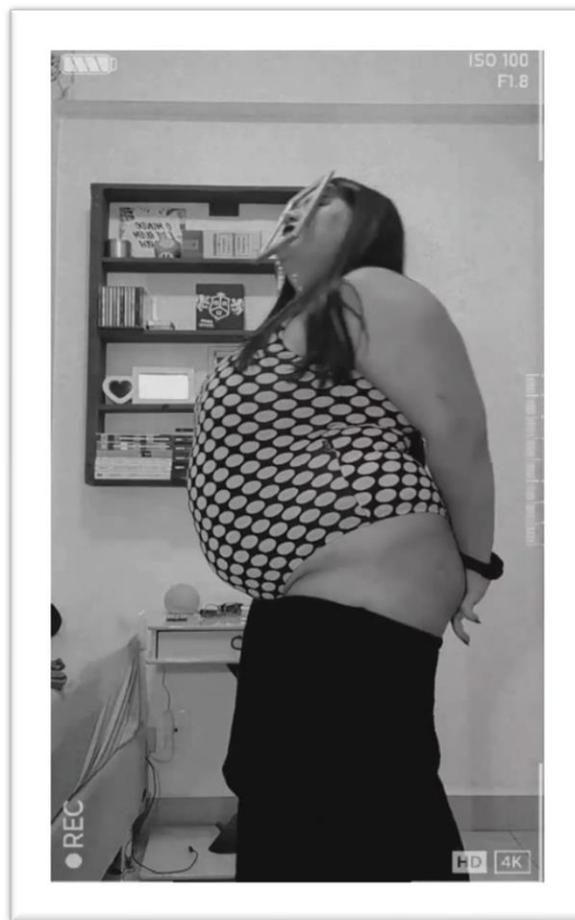


Figura 12 - Capa da performance “Enquadros”, em que se vê a personagem finalmente dentro de um quadro, capa criada junto a disciplina de caracterização do ator onde na aula introduziamos objetos comuns como se fossemos parte dos mesmos, eu escolhi o quadro devido ao processo de enquadramento que vivia.

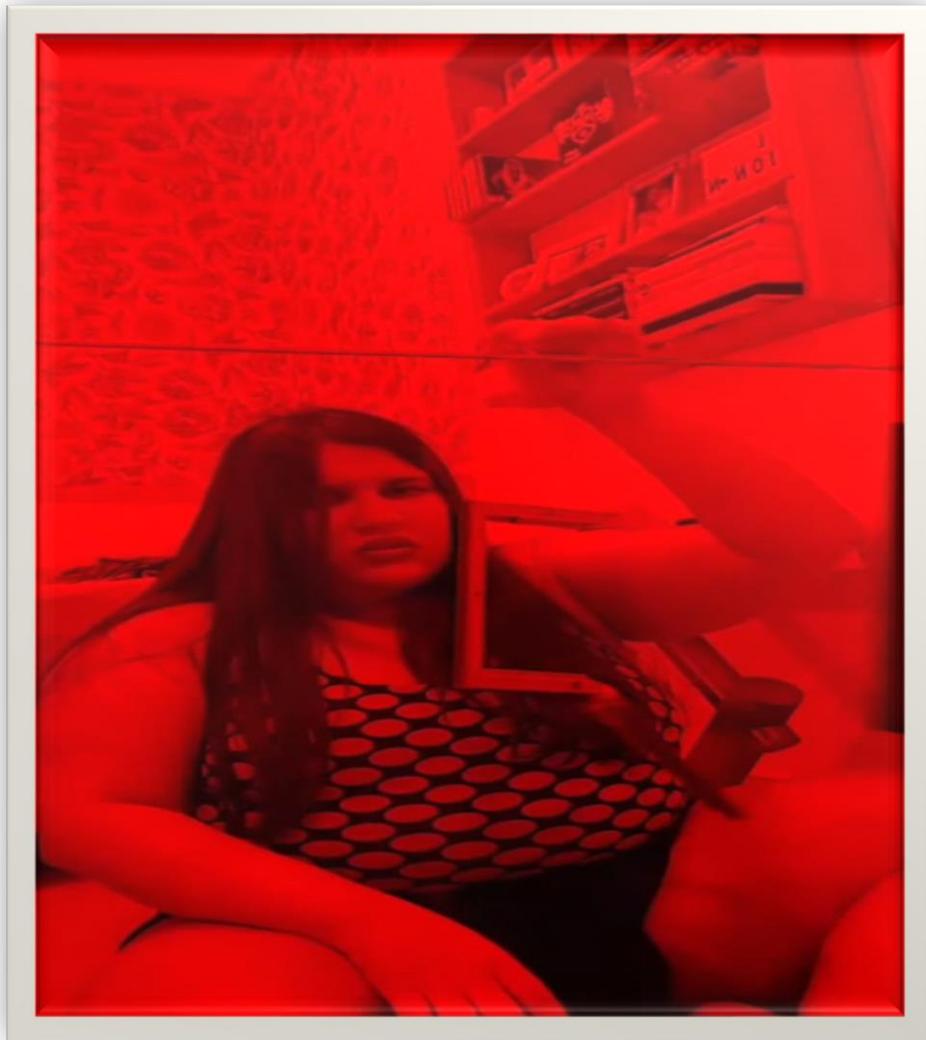


Figura 13 - Cena do espelho: aceitação de que apesar de varios enquadramentos , varias regras heteronormativas é preciso lutar para um mundo que tenha suas diferenças, essa experiencia em interpretação III me serviu para que eu me descobrisse , descobrisse mulheres que vivem dilemas muito parecidos aos meus e que na docencia posso vir a me deparar com alunos que assim com eu estiveram perdidos entre tantas normas.

A expressão dessa foto é de susto pois o quadro quebrou sem querer e de frente a ele me deparei com um novo enquadro que era o espelho e decidi que não queria mais me enquadrar e parei a cena ali. “É NECESSÁRIO QUEBRAR OS EQUADROS”!!!

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. 13. ed. São Paulo: Paz e terra, 2021. Documentário **El Arte de engordar** dirigido por Natalia Kodyvar 2018, Disponível em: <https://es-la.facebook.com/RTdocumentales/videos/el-arte-de-engordar/804323443086931/> Acesso em 09 set.2022

GALOR, Leandro. Teatro: o corpo gordo em cena. **Cinema de Buteco**, 27 nov. 2019. Disponível em: <https://www.cinemadebuteco.com.br/destaques/teatro-o-corpo-gordo-em-cena>. Acesso em: 05 nov. 2021.

GOMES, Duda. Maioria das Brasileiras não tem corpo violão diz pesquisa. **Veja**, 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/maioria-das-brasileiras-nao-tem-o-chamado-corpo-violao-diz-pesquisa/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

LIMA, Iana. O que é a objetificação da mulher? **Politize!** 11 fev. 2016. Disponível em: <https://www.politize.com.br/o-que-e-objetificacao-da-mulher> . Acesso em: 28 fev. 2022.

O QUE É A INDÚSTRIA CULTURAL? **Educa mais Brasil**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/o-que-e-industria-cultural>. Acesso em: 20 ago. 2022.

OBSERVATÓRIO GLOBAL DE OBESIDADE. Risco nacional de obesidade Brasil. **World Obesity**, 20 ago. 2022. Disponível em: <https://data.worldobesity.org/country/brazil-27/> Acesso em: 20 ago. 2022.

OIDA, Yoshi. **O ator invisível**. São Paulo: Via Lettera, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. CID-10. **Descrição clínica e diagnóstica**. Tradução de Dorgival Caetano, Porto Alegre, 1993.

RACHAMANN, Ismar André Smith, **A energia no trabalho do ator: dos chakras à criação cênica**.2019.Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Teatro)- Escola de comunicações e Artes Universidade de São Paulo,Acesso em 09 set2022

SANTANA, Ana Lúcia. Vênus de Willendorf. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/arqueologia/venus-de-willendorf/>. Acesso em: 28 fev. 2021.

SUPERPROF. **Encontre seu professor de yoga**. Disponível em: <https://www.superprof.com.br/namaste-sou-thaisa-santoth-sua-professora-yoga-tenho-turmas-regulares-line-tambem-realizo-atendimentos-individuais.html>. Acesso em: 30 jul. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. EMAC.**Projeto pedagógico de curso do curso de licenciatura em teatro**. 2012 Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/269/o/ppc_teatro_licenciatura_.pdf . Acesso em: 20 ago. 2022.

VIGARELLO, George. **As metamorfoses do gordo**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ, 2012.

VON HUNTY, Rita. Não existe coisa de menina. **Amaro inspire**. Disponível em: [https://amaro.com/blog/br/estilo-de-vida/heteronormatividade/#:~:text=dia%20a%20dia,-,O%20que%20%C3%A9%20heteronormatividade%3F,\(e%20sejam\)%20como%20heterossexuais](https://amaro.com/blog/br/estilo-de-vida/heteronormatividade/#:~:text=dia%20a%20dia,-,O%20que%20%C3%A9%20heteronormatividade%3F,(e%20sejam)%20como%20heterossexuais). Acesso em: 20 ago.2022.